



*Português para iniciantes*

*Mód. 9*

*Prof<sup>a</sup>. Rafaela Freitas*



1 Qualquer língua, escrita ou não, tem uma gramática  
que é complexa. Do ponto de vista naturalista, não faz sentido  
afirmar que há gramáticas melhores e gramáticas piores. Não  
4 é certo, por exemplo, dizer que a gramática que produz *Os  
meninos saíram* é melhor do que a que produz *Os menino saiu*.  
Ambas as frases cumprem a sua função, que é transmitir um  
7 certo conteúdo. São duas maneiras de chegar ao mesmo lugar.  
São duas gramáticas distintas, uma em que a pluralidade é  
marcada em todos os termos da oração, outra em que o plural  
10 aparece marcado apenas no artigo.

Mas esses dois modos de falar não são avaliados  
socialmente da mesma maneira. O valor social de cada um  
13 deles é muito diferente. Aquele que fala *Os menino saiu* não  
sabe falar, diz a voz que define qual variedade está correta.  
Só que há línguas, como o inglês, em que o plural só ocorre em  
16 um dos termos: *The tall boys left* (tradução literal possível,  
desconsiderada a marca de plural: *O alto meninos saiu*).  
É claro que a gramática do inglês não é a mesma gramática do  
19 português, mas o nosso ponto é que o plural só está em um  
lugar na oração do inglês e isso não recebe uma avaliação  
negativa. No português do dia a dia, é possível marcar o plural  
22 em apenas um dos elementos, mas isso é avaliado  
negativamente.

Roberta Pires de Oliveira e Sandra Quarezemin. *Gramáticas na  
escola*. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 44 (com adaptações).

## SEDF – 2017 - CESPE

01. De acordo com o texto, “a voz que define qual variedade está correta” (l.14) faz uma avaliação apenas social das gramáticas do português.

## SEDF – 2017 - CESPE

02. A palavra “Qualquer” (L.1) foi empregada no texto no sentido de **toda**.

## SEDF – 2017 - CESPE

03. A informação expressa na oração “No português do dia a dia, é possível marcar o plural em apenas um dos elementos” (l. 21 e 22) é o que marca, na argumentação, a oposição entre o tratamento dado à gramática do inglês e à do português quanto ao emprego do plural.



1 Quando indaguei a alguns escritores de sucesso que  
manuais de estilo tinham consultado durante seu aprendizado,  
a resposta mais comum foi “nenhum”. Disseram que escrever,  
4 para eles, aconteceu naturalmente.

Eu seria o último dos mortais a duvidar que os bons  
escritores foram abençoados com uma dose inata de fluência  
7 mais sintaxe e memória para as palavras. Ninguém nasceu com  
competência para redigir. Essa competência pode não se ter  
originado nos manuais de estilo, mas deve ter vindo de algum  
10 lugar.

Esse algum lugar é a escrita de outros escritores. Bons  
escritores são leitores ávidos. Assimilaram um grande  
13 inventário de palavras, expressões idiomáticas, construções,  
tropos e truques retóricos e, com eles, a sensibilidade para o  
modo como se combinam ou se repelem. Essa é a ardilosa  
16 “sensibilidade” de um escritor hábil — o tácito sentido de  
estilo que os manuais de estilo honestos admitem ser  
impossível ensinar explicitamente. Os biógrafos dos grandes  
19 autores sempre tentam rastrear os livros que seus personagens  
leram na juventude, porque sabem que essas fontes escondem  
o segredo de seu aperfeiçoamento como escritores.

22 O ponto de partida para alguém tornar-se um bom  
escritor é ser um bom leitor. Os escritores adquirem sua técnica  
identificando, saboreando e aplicando engenharia reversa em  
25 exemplos de boa prosa.

Steven Pinker. Guia de escrita: como conceber um texto  
com clareza, precisão e elegância. Trad. Rodolfo Ilari.  
São Paulo: Contexto, 2016, p. 23-4 (com adaptações).

## SEDF – 2017 - CESPE

04. A expressão “engenharia reversa” (l.24) refere-se à atitude dos bons escritores de ler boa prosa para, por meio da leitura, refletir sobre como um bom texto é escrito e, assim, aprender a escrever bem.

## SEDF – 2017 - CESPE

05. De acordo com o texto, os manuais de estilo não contribuem para despertar o desejo de ler boa prosa nem para desenvolver a competência para redigir.



A diferença básica entre as polícias civil e militar é a essência de suas atividades, pois assim desenhou o constituinte original: a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CF), em seu art. 144, atribui à polícia federal e às polícias civis dos estados as funções de polícia judiciária — de natureza essencialmente investigatória, com vistas à colheita de provas e, **assim**, à viabilização do transcorrer da ação penal — e a apuração de infrações penais.

Enquanto a polícia civil descobre, apura, colhe provas de crimes, propiciando a existência do processo criminal e a eventual condenação do delinquente, a polícia militar, fardada, faz o patrulhamento ostensivo, isto é, visível, claro e perceptível pelas ruas. Atua de modo preventivo-repressivo, mas não é seu mister a investigação de crimes. Da mesma forma, não cabe ao delegado de polícia de carreira e a seus agentes sair pelas ruas ostensivamente em patrulhamento. A própria comunidade identifica na farda a polícia repressiva; quando ocorre um crime, em regra, esta é a primeira a ser chamada. Depois, havendo prisão em flagrante, por exemplo, atinge-se a fase de persecução penal, e ocorre o ingresso da polícia civil, cuja identificação não se dá necessariamente pelos trajes usados.

Guilherme de Souza Nucci. Direitos humanos versus segurança pública. Rio de Janeiro: Forense, 2016, p. 43 (com adaptações).



## **PC-GO - Delegado – 2017 - CESPE**

06. Infere-se das informações do texto CB1A1AAA que

- a) o uso de fardamento pela polícia militar é o que a diferencia da polícia civil, que prescinde dos trajes corporativos.
- b) a essência da atividade do delegado de polícia civil reside no controle, na prevenção e na repressão de infrações penais.
- c) ao delegado de polícia cabem a condução da investigação criminal e a apuração de infrações penais.
- d) a tarefa precípua dos delegados de polícia civil e de seus agentes é o patrulhamento ostensivo nas ruas.
- e) a função de polícia judiciária concretiza-se no policiamento ostensivo, preventivo e repressivo.



Há algum tempo venho afinando certa mania. Nos começos chutava tudo o que achava. [...] Não sei quando começou em mim o gosto sutil. [...]

Chutar tampinhas que encontro no caminho. É só ver a tampinha. Posso diferenciar ao longe que tampinha é aquela ou aquela outra. Qual a marca (se estiver de cortiça para baixo) e qual a força que devo empregar no chute. Dou uma gingada, e quase já controlei tudo. [...] Errei muitos, ainda erro. É plenamente aceitável a ideia de que para acertar, necessário pequenas erradas. Mas é muito desagradável, o entusiasmo desaparecer antes do chute. Sem graça.

Meu irmão, tipo sério, responsabilidades. Ele, a camisa; eu, o avesso. Meio burguês, metido a sensato. Noivo...

- Você é um largado. Onde se viu essa, agora! [...]

Cá no bairro minha fama andava péssima. Aluado, farrista, uma porção de coisas que sou e que não sou. *Depois que arrumei ocupação à noite, há senhoras mães de família que já me cumprimentaram. Às vezes, aparecem nos rostos sorrisos de confiança. Acham, sem dúvida, que estou melhorando.*

- Bom rapaz. Bom rapaz.

Como se isso estivesse me interessando...

Faço serão, fco até tarde. Números, carimbos, coisas chatas. Dez, onze horas. De quando em vez levo cerveja preta e Huxley. (Li duas vezes o "Contraponto" e leio sempre). [...]

Dia desses, no lotação. A tal estava a meu lado querendo prosa. [...] Um enorme anel de grau no dedo. Ostentação boba, é moça como qualquer outra. Igualzinho às outras, sem diferença. E eu me casar com um troço daquele? [...] Quase respondi...

- Olhe: sou um cara que trabalha muito mal. Assobia sambas de Noel com alguma bossa. Agora, minha especialidade, meu gosto, meu jeito mesmo, é chutar tampinhas da rua. Não conheço chutador mais fino.

(ANTONIO, João. Afinação da arte de chutar tampinhas. In: Patuleia: gentes de rua. São Paulo: Ática, 1996)



**07. (EBSERH – 2017 – Advogado – IBFC)** Ao longo do texto a visão que o narrador tem de si é alternada com o modo pelo qual os outros o veem. Assim, percebe-se que o rótulo de “Bom rapaz. Bom rapaz.” (6º§) deve-se ao fato de o narrador:

- a) dedicar-se ao chute de tampinhas.
- b) ler o livro de um autor famoso.
- c) ter uma péssima fama no bairro.
- d) passar a cumprimentar as senhoras.
- e) conseguir um emprego noturno.



## Minhas maturidade

Circunspeção, siso, prudência.

Mário Prata

É o que o homem pensa durante anos, enquanto envelhece. Já está perto dos 50 e a pergunta ainda martela. Um dia ele vai amadurecer.

Quando um homem descobre que não é necessário escovar os dentes com tanta rapidez, tenha certeza, ele virou um homem maduro. Só sendo mesmo muito imaturo para escovar os dentes com tanta pressa.

E o amarrar do sapato pode ser mais tranqüilo, arrumando-se uma posição menos incômoda, acertando as pontas.

(...)

Não sente culpa de nada. Mas, se sente, sofre como nunca. Mas já é capaz de assistir à sessão da tarde sem a culpa a lhe desviar a atenção.

E um homem mais bonito, não resta a menor dúvida. Homem maduro não bebe, vai à praia.

Não malha: a malhação denota toda a imaturidade de quem a faz. Curtir o corpo é ligeiramente imaturo.

(...)

Sorri tranqüilo quando pensa que a pressa é coisa daqueles imaturos.

O homem maduro gosta de mulheres imaturas. Fazer o quê?

Muda muito de opinião. Essa coisa de ter sempre a mesma pinião, ele já foi assim.

(...)





Se ninguém segurar, é capaz do homem maduro ficar com mania de apagar as luzes da casa.

O homem maduro faz palavras cruzadas!

Se você observar bem, ele começa a implicar com horários.

A maturidade faz com que ele não possa mais fazer algumas coisas. Se pega pensando: sou um homem maduro. Um homem maduro não pode fazer isso.

O homem maduro começa, pouco a pouco, a se irritar com as pessoas imaturas.

Depois de um tempo, percebe que está começando é a sentir inveja dos imaturos.

Será que os imaturos são mais felizes?, pensa, enquanto começa a escovar os dentes depressa, mais depressa, mais depressa ainda.

O homem maduro é de uma imaturidade a toda prova. Meu Deus, o que será de nós, os maduros?



**08. (Câmara de Franca/SP – 2016 – Superior – IBFC) Analise as afirmativas abaixo e assinale a alternativa correta.**

- I. A relação entre o título do texto e a mensagem transmitida por ele está no amadurecimento do ser humano;
  - II. Quando o ser humano amadurece passa a se questionar demais, o que leva a uma ideia que pode parecer oposta ao seu desejo;
  - III. O amadurecimento dos seres humanos está marcado em suas atitudes.
- 
- a) Somente I está correta
  - b) I e III estão corretas
  - c) I e II estão corretas
  - d) II e III estão corretas



Há quatro anos, Chris Nagele fez o que muitos executivos no setor de tecnologia já tinham feito – ele transferiu sua equipe para um chamado escritório aberto, sem paredes e divisórias.

Os funcionários, até então, trabalhavam de casa, mas ele queria que todos estivessem juntos, para se conectarem e colaborarem mais facilmente. Mas em pouco tempo ficou claro que Nagele tinha cometido um grande erro. Todos estavam distraídos, a produtividade caiu, e os nove empregados estavam insatisfeitos, sem falar do próprio chefe.

Em abril de 2015, quase três anos após a mudança para o escritório aberto, Nagele transferiu a empresa para um espaço de 900 m<sup>2</sup> onde hoje todos têm seu próprio espaço, com portas e tudo.

Inúmeras empresas adotaram o conceito de escritório aberto – cerca de 70% dos escritórios nos Estados Unidos são assim – e até onde se sabe poucos retornaram ao modelo de espaços tradicionais com salas e portas.

Pesquisas, contudo, mostram que podemos perder até 15% da produtividade, desenvolver problemas graves de concentração e até ter o dobro de chances de ficar doentes em espaços de trabalho abertos – fatores que estão contribuindo para uma reação contra esse tipo de organização.

Desde que se mudou para o formato tradicional, Nagele já ouviu colegas do setor de tecnologia dizerem sentir falta do estilo de trabalho do escritório fechado. “Muita gente concorda – simplesmente não aguentam o escritório aberto. Nunca se consegue terminar as coisas e é preciso levar mais trabalho para casa”, diz ele.

É improvável que o conceito de escritório aberto caia em desuso, mas algumas firmas estão seguindo o exemplo de Nagele e voltando aos espaços privados.

Há uma boa razão que explica por que todos adoram um espaço com quatro paredes e uma porta: foco. A verdade é que não conseguimos cumprir várias tarefas ao mesmo tempo, e pequenas distrações podem desviar nosso foco por até 20 minutos.

Retemos mais informações quando nos sentamos em um local fixo, afirma Sally Augustin, psicóloga ambiental e de design de interiores.

(Bryan Borzykowski, “Por que escritórios abertos podem ser ruins para funcionários.” Disponível em:<[www1.folha.uol.com.br](http://www1.folha.uol.com.br)>. Acesso em: 04.04.2017. Adaptado)



## TJ-SP – 2017 – Escrevente Técnico Judiciário - VUNESP

09. Segundo o texto, são aspectos desfavoráveis ao trabalho em espaços abertos compartilhados

- a) a impossibilidade de cumprir várias tarefas e a restrição à criatividade.
- b) a dificuldade de propor soluções tecnológicas e a transferência de atividades para o lar.
- c) a dispersão e a menor capacidade de conservar conteúdos.
- d) a distração e a possibilidade de haver colaboração de colegas e chefes.
- e) o isolamento na realização das tarefas e a vigilância constante dos chefes.

10. É correto afirmar que a expressão – até então –, em destaque no início do segundo parágrafo, expressa um limite, com referência

- a) temporal ao momento em que se deu a transferência da equipe de Nagele para o escritório aberto.
- b) espacial aos escritórios fechados onde trabalhava a equipe de Nagele antes da mudança para locais abertos.
- c) temporal ao dia em que Nagele decidiu seguir o exemplo de outros executivos, e espacial ao tipo de escritório que adotou.
- d) espacial ao caso de sucesso de outros executivos do setor de tecnologia que aboliram paredes e divisórias.
- e) espacial ao novo tipo de ambiente de trabalho, e temporal às mudanças favoráveis à integração.





Vamos listar os textos do nosso cotidiano:

**- Mensagens via WhatsApp**

**- E-mail**

**- Facebook**

**- Twitter**

**- LinkedIn**

**-Bilhete**

**-Notícia**

**-Reportagem**

Viram só? Eu poderia citar mais ainda, você consegue?



A diferença básica entre as polícias civil e militar é a essência de suas atividades, pois assim desenhou o constituinte original: a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CF), em seu art. 144, atribui à polícia federal e às polícias civis dos estados as funções de polícia judiciária — de natureza essencialmente investigatória, com vistas à colheita de provas e, **assim**, à viabilização do transcorrer da ação penal — e a apuração de infrações penais.

Enquanto a polícia civil descobre, apura, colhe provas de crimes, propiciando a existência do processo criminal e a eventual condenação do delinquente, a polícia militar, fardada, faz o patrulhamento ostensivo, isto é, visível, claro e perceptível pelas ruas. Atua de modo preventivo-repressivo, mas não é seu mister a investigação de crimes. Da mesma forma, não cabe ao delegado de polícia de carreira e a seus agentes sair pelas ruas ostensivamente em patrulhamento. A própria comunidade identifica na farda a polícia repressiva; quando ocorre um crime, em regra, esta é a primeira a ser chamada. Depois, havendo prisão em flagrante, por exemplo, atinge-se a fase de persecução penal, e ocorre o ingresso da polícia civil, cuja identificação não se dá necessariamente pelos trajés usados.

Guilherme de Souza Nucci. Direitos humanos versus segurança pública. Rio de Janeiro: Forense, 2016, p. 43 (com adaptações).

## PC-GO - Delegado – 2017 - CESPE

11. O texto CB1A1AAA é predominantemente

- a) injuntivo.
- b) narrativo.
- c) dissertativo.
- d) exortativo.
- e) descritivo.



1 Durante anos, a odontologia esteve à margem das  
políticas públicas de saúde. O acesso dos brasileiros à saúde  
bucal era extremamente difícil e limitado. A demora na  
4 procura de atendimento odontológico, aliada aos poucos  
serviços nessa área da saúde, fazia que o principal  
tratamento oferecido pela rede pública fosse a  
7 extração dentária, o que perpetuava o caráter mutilador  
da odontologia e da atuação apenas clínica do  
cirurgião-dentista.

10 Para mudar esse quadro, em 2003, o Ministério da  
Saúde lançou a Política Nacional de Saúde Bucal – Programa  
Brasil Sorridente, que constitui uma série de medidas que  
13 visam a garantir ações de promoção e recuperação da saúde  
bucal dos brasileiros, fundamental para a saúde geral e  
qualidade de vida da população.

16 Os principais objetivos dessa política pública são a  
reorganização da prática odontológica e a qualificação das  
ações e dos serviços de saúde bucal oferecidos, reunindo uma  
19 série de ações voltadas para os cidadãos de todas as idades,  
com ampliação do acesso ao tratamento odontológico  
gratuito aos brasileiros por meio do Sistema Único de Saúde.

22 As principais linhas de ação do programa são a  
reorganização da atenção básica em saúde bucal, a ampliação  
e qualificação da atenção especializada e a viabilização da  
25 adição de flúor nas estações de tratamento de águas de  
abastecimento público.

Internet: <dab.saude.gov.br> (com adaptações).

## CFO-DF – 2017 - QUADRIX

12. O texto configura-se como dissertativo, sendo seu principal objetivo informar o público acerca de uma política pública de atenção à saúde bucal promovida pelo Ministério da Saúde.





## Mentes livres

Atualmente, já está muito claro que nossas experiências mentais estão sempre criando estruturas cerebrais que facilitam a resposta rápida a futuras demandas semelhantes. O tema mais importante, no entanto, não é que as estruturas se ampliem sempre, é a liberdade natural da mente, que opera além das estruturas.

Um motorista não é seu carro, nem por onde circula. Ele tem a liberdade de deixar o carro e seguir por outros meios e também de repensar seus trajetos. Ainda assim, se as estradas ficarem bloqueadas ou o carro quebrar, ele terá dificuldade em andar a pé e usará o tempo arrumando o carro ou colocando a estrada em condições de uso. Só ao final de um tempo ele conseguirá ultrapassar as fixações estruturais internas e refazer suas opções.

Em verdade, a liberdade do motorista é tal que nem mesmo motorista ele é. Ele é um ser livre. A prática espiritual profunda conduz a essa liberdade, naturalmente presente. As fixações são o carma. As experiências comuns no mundo, eventos maiores e menores, vão se consolidando como trajetos e redes neurais internas e estruturas cármicas que balizam a operação da mente, estruturando recursos limitados como se fossem as únicas opções, ainda que, essencialmente, a mente siga livre.

As estruturas grosseiras como os espaços das cidades, as ruas físicas, e em um sentido mais amplo tudo o que aciona nossos sentidos físicos, surgem também como resultado das atividades mentais repetitivas, assim como a circulação da energia interna, que é o aspecto sutil. Um automobilista precisa de uma transformação interna e externa complexa para se tornar um ciclista; não é fácil. Já o tripulante do sofá tem dificuldade em incluir exercícios, novos hábitos de alimentação e mudanças na autoimagem – os desafios são idênticos.



Nossos melhores pensamentos constroem mundos melhores e também cérebros melhores. Já os pensamentos aflitivos constroem mundos piores e cérebros com estruturas que conduzem à aflição e à doença.

Tanto os aspectos grosseiros como os sutis flutuam; é visível. A única expressão incessantemente presente e disponível é a liberdade natural silenciosa dentro de nós mesmos. É dessa natureza que surge a energia que, livre de condicionamentos, cria novos caminhos neurais e novas configurações de mundo. Os mestres de sabedoria apontam-na como sempre disponível, mesmo durante experiências como a doença e a morte. É dessa região inabalável que irradiam sua sabedoria, compaixão e destemor.

(SAMTEN, Padma – Revista “Vida simples” – agosto 2014 – Ed. Abril.)

### **TRF - 2ª REGIÃO – Técnico Judiciário - CONSULPLAN**

13. Por sua estrutura e características, o texto em análise deve ser classificado como

- a) injuntivo.
- b) narrativo.
- c) descritivo.
- d) dissertativo.



## ***Gêneros ARGUMENTATIVOS***

Os discursos argumentativos, persuasivos podem se organizar em diferentes gêneros, nas mais variadas linguagens. Vamos ver alguns deles.



<b>Gênero Argumentativo</b>	<b>Quem é o leitor?</b>	<b>Marcas estruturais</b>	<b>Observações</b>
<b>Dissertação</b>	Leitor universal, qualquer um.	Texto impessoal, sem marcas de interlocução, em linguagem objetiva e padrão culto, com rígida divisão das partes do texto argumentativo.	Pode haver ainda dissertação de tom pessoal. Contudo, essa é de cobrança escassa em concursos.
<b>Artigo de opinião</b>	Um certo público leitor de dada publicação.	O texto deve se adequar ao perfil do público. Assim, suas marcas de formalidade ou informalidade dependerão disso. No geral, sua estrutura é menos rígida e costuma se admitir tom pessoal.	O artigo de opinião, de modo geral, é dos gêneros argumentativos mais livres e fluídos que há.
<b>Carta de solicitação ou de reclamação</b>	O destinatário da carta.	Esse texto é dum remetente específico a um destinatário também específico. Portanto, são obrigatórias tanto a primeira pessoa quanto marcas de interlocução, além do cabeçalho com local e data, do vocativo e da saudação introdutórias, bem como a despedida e assinatura.	A distinção entre solicitação e reclamação não é, necessariamente, rigorosa.
<b>Carta de leitor</b>	O editor da revista ou autor de dada matéria.	Esse texto se assemelha ao modelo geral das cartas argumentativas, no entanto, prescinde de cabeçalho com local e data.	No geral, é um texto bastante objetivo e conciso.
<b>Editorial</b>	O público leitor de determinada publicação	Expressa a opinião de certa publicação, falando, portanto em nome coletivo. Sua linguagem tende a ser formal, embora acompanhe a expectativa do público leitor.	
<b>Crônica argumentativa</b>	O público leitor da publicação que conterà a crônica.	Esse texto partilha da liberdade geral da crônica narrativa e tem em comum com esse uma motivação do cotidiano.	Em geral, essa modalidade de crônica pode se aproximar bastante do artigo de opinião.
<b>Resenha crítica</b>	O público de certa publicação artística ou crítica.	O texto consiste em um resumo comentado e opinativo sobre dada obra ou trecho de obra.	Pode ser pensada como uma versão bastante simplificada do ensaio.



## EXEMPLOS

### a) Dissertação

Os problemas de trânsito atuais de qualquer grande cidade são motivos de transtornos vários a seus cidadãos. No município do Rio de Janeiro, isso não é diferente e assume contornos dramáticos, em meio às obras por que passa a metrópole. Os engarrafamentos se dão em escala gigantesca, paralisando veículos, a produção e a vida das pessoas.

### b) Artigo de Opinião (em uma revista de algum nível de informalidade):

Não vem sendo fácil pro carioca suportar os engarrafamentos que tomam conta da cidade por conta das obras profundas que vem ocorrendo. A cidade, de cabelo em pé, buzina sem parar buscando algum ponto de fuga. Somos quase o Estacionamento de Janeiro.

### c) Carta Argumentativa:

Rio de Janeiro, 03 de dezembro de 2013.

Excelentíssimo Sr. Prefeito da cidade do Rio de Janeiro,

Venho, por meio desta, manifestar-me quanto à situação caótica que ora nos encontramos na cidade governada por V. Ex<sup>a</sup>. A situação é mais do que periclitante, atingindo níveis de inviabilidade que põem em xeque o bom funcionamento de serviços ao conjunto dos cidadãos.



d) Carta de leitor:

Caros editores da Revista Hoje, em seu último número, havia uma matéria que tratava das mudanças em curso na cidade do Rio de Janeiro. Gostaria de aqui problematizar um ponto argumentado por vocês naquela matéria: a do preço necessário a se pagar por tais mudanças.

e) Editorial:

A Gazeta de Notícias traz a seu público a sua opinião independente acerca das mudanças ora em curso na cidade do Rio de Janeiro, bem como de seus desdobramentos ao conjunto da população atual e futura.

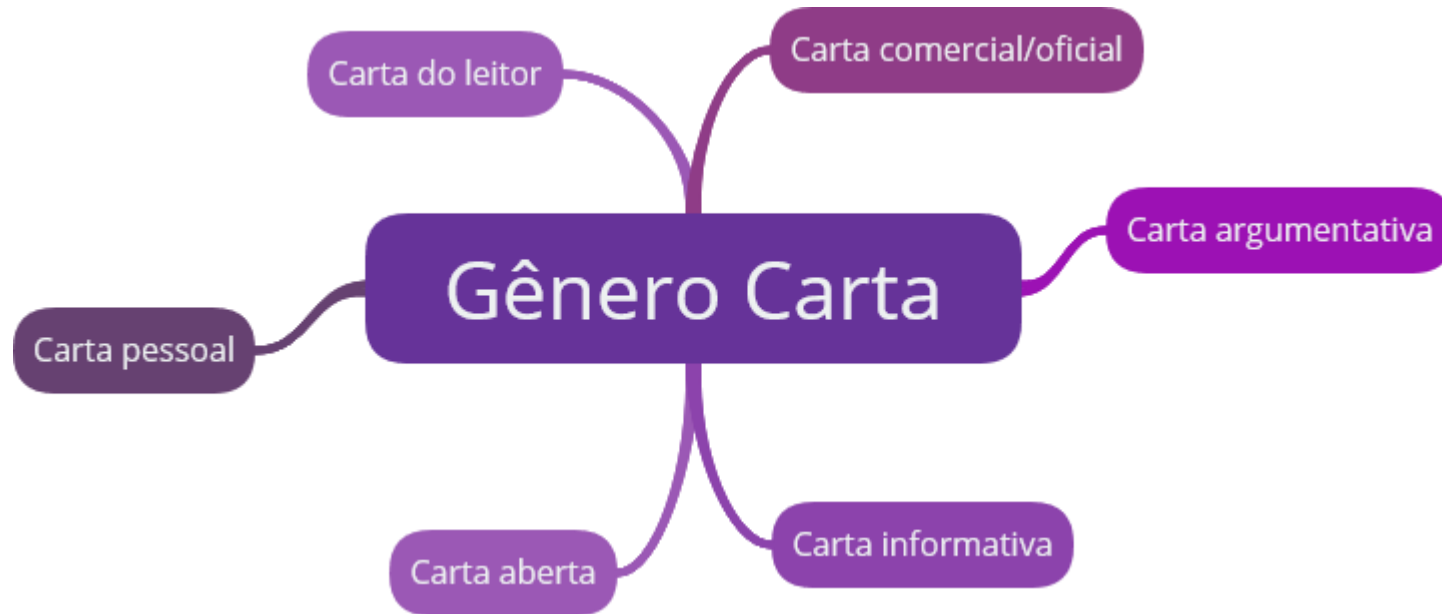
f) Crônica Argumentativa:

Essa semana testemunhei uma cena inusitada. Uma velhinha esbravejava cobras e lagartos e outros répteis mais de difícil identificação, após ser fechada no trânsito cada vez mais alarmante do Rio de Janeiro. Ora, essa é apenas a ponta do iceberg desse inferno que tem se tornado se locomover dentro de um veículo na cidade.

g) Resenha Crítica:

Na obra Carros e cidades, de Alexandre Silveira Pontes, a questão principal em discussão é o modelo de desenvolvimento rodoviário e seu impacto à vida das cidades brasileiras. Esse ponto de vista assume especificidades e exemplificações várias ao longo dos sete capítulos da obra, os quais apresentaremos aqui.

Como se observa, o leitor alvo causa modificações de formato bem marcantes, evidenciando também distintas finalidades, para além da argumentação.





## Texto CB1A1CCC

1 Há épocas em que predomina o amor e épocas em que  
predomina o ódio. O problema inevitável ao se teorizar sobre  
o amor e o ódio é a impossibilidade de avaliar aquilo que é  
4 subjetivo e que, no entanto, nos domina. Experimentamos o  
ódio sem entender dele e, por não entendê-lo, muitas vezes não  
temos recursos para estancá-lo.

7 Amor e ódio são dessas forças que, sendo opostas, ao  
mesmo tempo andam juntas, compondo um jogo. Às vezes se  
aproximam demais. São como duas linhas que tendem a se  
10 enroscar enquanto flutuam no vento histórico. Pensamos em  
“cronologia”, em progresso e decadência, mas atentamos pouco  
aos afetos que costuram e descosturam o *continuum* da história.  
13 Ora, poderíamos escrever a história do amor e a do ódio  
considerando que não há período histórico que não seja regido  
por eles. Seria a história das influências afetivas nas ações e  
16 realizações humanas. Assim, por exemplo, poderíamos contar  
a história da relação entre a humanidade e a natureza pensando  
em como a primeira odiou a última. Ou como o próprio afeto  
19 odioso ou amoroso nos permite criar uma biografia.

Não seria sem propósito perguntar quando amamos  
mais, quando odiamos mais. As ondas de amor e ódio que  
22 sustentam e abalam as sociedades não podem ser controladas  
simplesmente, mas podem ser manipuladas. Essa manipulação  
é possível pela linguagem porque ela é a grande produtora de  
afetos. Por meio de mecanismos que só parecem sutis a quem  
25 se mantém ingênuo, fomenta-se o ódio em escala social pelo  
bombardeio de imagens terríveis, como as que vemos na  
28 televisão. A distorção de fatos para convencer o povo também  
se liga a essa estratégia de manipulação dos afetos por meio de  
discursos. Na origem de todo ódio estão a básica fofoca, o  
31 assédio moral, a maledicência em geral.

Marcia Tiburi, *Odiar, verbo intransitivo*. In: Revista  
Cult, n.º 205, ano 18, set./2015 (com adaptações).

## Prefeitura de São Luís – MA – 2017 - CESPE

15. Quanto à sua tipologia, o texto CB1A1CCC caracteriza-se como dissertativo-argumentativo porque sua autora

- a) adotou uma abordagem monotemática para descrever o amor e o ódio.
- b) construiu seus argumentos de forma impessoal.
- c) não empregou palavras ou expressões em sentido figurado.
- d) defendeu um ponto de vista com base em argumentos lógicos.
- e) o organizou sob o modelo introdução, desenvolvimento e conclusão.





## ***Gêneros do tipo NARRATIVO***

Para que um texto seja considerado narrativo, é preciso que ele possua, antes de qualquer coisa, os elementos essenciais de uma narrativa, que são:





## - Narrador

Tecnicamente, podemos dizer que pode-se narrar algo de maneiras diferentes. O ponto de vista de quem narra nada pode mudar. Geralmente, se resumem em três possibilidades:

### a) **Narrador-observador:**

- \* Ele revela ao leitor somente os fatos que consegue observar.
- \* Usa a 3ª pessoa.
- \* Não é personagem, não participa da história.
- \* Embora não seja personagem da história, sua visão é limitada àquilo que consegue observar.



## **b) Narrador-onisciente:**

\* o narrador não apenas observa, mas conhece TUDO sobre a história, até o pensamento dos personagens.

\* Usa a 3ª pessoa.

\* Não é personagem, não participa da história.

\* Sua visão é multilateral, conhece todos os lados da história.

\* Algumas vezes limita-se a observar os fatos de forma objetiva, em outras, emite opiniões e julgamento de valor acerca do assunto.

## **c) narrador-personagem:**

\* A narrador é também personagem (principal ou secundária) da história narrada.

\* Usa a 1ª pessoa.

\* Possui uma visão limitada dos fatos, pois está vendo sob o seu ponto de vista.



## - Enredo

- \* **Introdução** – É o começo da história, no qual se apresentam os fatos iniciais, os personagens, e, às vezes, o tempo e o espaço.
- \* **Complicação** – É a parte em que se desenvolve o conflito.
- \* **Clímax** – Figura-se como o ponto culminante de toda a trama, revelado pelo momento de maior tensão. É a parte em que o conflito atinge seu ápice.
- \* **Conclusão ou desfecho final** – É a solução do conflito instaurado, podendo apresentar final trágico, cômico, triste, ou até mesmo surpreendente. Tudo irá depender da decisão imposta pelo narrador.



“Minha irmãzinha de 8 anos morreu, e minha mãe queria que sua sepultura estivesse sempre enfeitada de flores. Nem sempre era fácil arranjar flores naquele lugar em que a gente vivia – Pitangueiras, perto de Ribeirão Preto, em São Paulo – e por isso, minha mãe plantou um jardim, me chamou e disse: ‘Você é que vai tomar conta disso’. Eu tinha 9 anos e não gostei da tarefa, mas obedeci. Acabei tomando gosto por essa coisa de plantas...”.

Esse é um depoimento de José Zanine Caldas, um dos nossos melhores paisagistas, citado por Rubem Braga em uma de suas crônicas.

#### **ALERJ – 2017 – PROCURADOR - CONSULPLAN**

14. Sobre o processo de construção desse texto, é correto afirmar que:

- a) trata-se de um texto de base estrutural argumentativa, que justifica a adoção de uma profissão;
- b) ainda que relate um fato passado, o texto se apoia numa descrição do lugar de origem do paisagista;
- c) a estruturação do texto é claramente narrativa, pois se fundamenta numa sucessão cronológica de fatos do passado;
- d) o texto mostra uma organização de base dramática, pela presença do diálogo de base afetiva entre mãe e filho;
- e) o texto apresenta uma estrutura de base descritiva, fornecendo informações sobre o futuro paisagista.



## **CONTO**

### **Tentação**

Ela estava com soluço. E como se não bastasse a claridade das duas horas, ela era ruiva.

Na rua vazia as pedras vibravam de calor — a cabeça da menina flamejava. Sentada nos degraus de sua casa, ela suportava. Ninguém na rua, só uma pessoa esperando inutilmente no ponto do ônibus. E como se não bastasse seu olhar submisso e paciente, o soluço a interrompia de momento a momento, abalando o queixo que se apoiava conformado na mão. Que fazer de urna menina ruiva com soluço? Olhamo-nos sem palavras, desalento contra desalento. Na rua deserta nenhum sinal de bonde. Numa terra de morenos, ser ruivo era urna revolta involuntária. Que importava se num dia futuro sua marca ia fazê-la erguer insolente uma cabeça de mulher? Por enquanto ela estava sentada num degrau faiscante da porta, às duas Horas. O que a salvava era urna bolsa velha de senhora, com alça partida.



Segurava-a com um amor conjugal já habituado, apertando-a contra os joelhos.

Foi quando se aproximou a sua outra metade neste mundo, um irmão em Grajaú. A possibilidade de comunicação surgiu no ângulo quente da equina, acompanhando uma senhora, e encarnada na figura de um cão. Era um basset lindo e miserável, doce sob a sua fatalidade. Era um basset ruivo.

Lá vinha ele trotando, à frente da sua dona, arrastando o seu comprimento. Desprevenido, acostumado, cachorro.

A menina abriu os olhos pasmada. Suavemente avisado, o cachorro estacou diante dela. Sua língua vibrava. Ambos se olhavam.

Entre tantos seres que estão prontos para se tornarem donos de outro ser, lá estava a menina que viera ao mundo para ter aquele cachorro. Ele fremia suavemente, sem latir. Ela olhava-o sob os cabelos, fascinada, séria. Quanto tempo se passava? Um grande soluço sacudiu-a desafinado. Ele nem sequer tremeu. Também ela passou por cima do soluço e continuou a fitá-lo.



Os pelos de ambos eram curtos, vermelhos.

Que foi que se disseram? Não se sabe. Sabe-se apenas que se comunicaram rapidamente, pois não havia tempo. Sabe-se também que sem falar eles se pediam. Pediam-se com urgência, com entabulamento, surpreendidos.

No meio de tanta vaga impossibilidade e de tanto sol, ali estava a solução para a criança vermelha. E no meio de tantas ruas a serem trotadas, de tantos cães maiores, de tantos esgotos secos — lá estava uma menina, como se fora carne de sua ruiva carne. Eles se fitavam profundos, entregues, ausentes ele Grajaú. Mais um instante e o suspenso sonho se quebraria, cedendo talvez à gravidade com que se pediam.

Mas ambos eram comprometidos.

Ela com sua infância impossível, o centro da inocência que só se abriria quando ela fosse uma mulher. Ele, com sua natureza aprisionada.





A dona esperava impaciente sob o guarda-sol. O basset ruivo afinal despregou-se da menina e saiu sonâmbulo. Ela ficou espantada, com o acontecimento, numa mudez que nem pai nem mãe compreenderiam. Acompanhou-o com olhos pretos que mal acreditavam, debruçada sobre a bolsa e os joelhos, até vê-lo dobrar a outra esquina. Mas ele foi mais forte que ela. Nem uma só vez olhou para trás.

(Clarice Lispector. *A legião estrangeira*. 14. ed. São Paulo: Siciliano, 1996. p. 69-71.)



Esse conto de Clarice Lispector possui os seguintes elementos da narrativa:

- ✓ Personagens principais: a menina e o basset ruivo;
- ✓ Espaço: a rua em Grajaú;
- ✓ Tempo: psicológico (segue o fluxo de pensamento da menina);
- ✓ Narrador: em 3ª pessoa (onisciente);
- ✓ Enredo: encontro da menina ruiva com “sua outra metade” que era o basset também ruivo;
- ✓ Clímax: momento em que os dois se encontram / vai embora.



## ***A crônica***

A crônica surgiu no Brasil há uns 150 anos, com o Romantismo e o desenvolvimento da imprensa. Inicialmente chamado de *folhetim*, era um artigo de rodapé escrito sobre assuntos do dia – políticos, sociais, artísticos, literários. Com o passar do tempo, foi se tornando um texto mais curto e se afastando da finalidade de informar e comentar, sendo substituída pela intenção de apresentar os fatos cotidianos de forma artística e pessoal. A **linguagem** tornou-se mais poética ao mesmo tempo que ganhou certa gratuidade, em razão da ausência de vínculos com interesses práticos e com as informações presentes nas demais partes de um jornal.



## Na escuridão miserável

Eram sete horas da noite quando entrei no carro, ali no Jardim Botânico. Senti que alguém me observava enquanto punha o motor em movimento. Voltei-me e dei com uns olhos grandes e parados como os de um bicho, a me espiar através do vidro da janela junto ao meio-fio. Eram de uma negrinha mirrada, raquítica, um fiapo de gente encostado ao poste como um animalzinho, não teria mais que uns sete anos. Inclinei-me sobre o banco, abaixando o vidro:

- O que foi, minha filha? - perguntei, naturalmente, pensando tratar-se de esmola.

- Nada não senhor - respondeu-me, a medo, um fio de voz infantil.

- O que é que você está me olhando aí?

- Nada não senhor - repetiu. - Tou esperando o ônibus...

Onde é que você mora?



- Na Praia do Pinto.
- Vou para aquele lado. Quer uma carona?

Ela vacilou, intimidada. Insisti, abrindo a porta:

- Entra aí, que eu te levo.

Acabou entrando, sentou-se na pontinha do banco, e enquanto o carro ganhava velocidade ia olhando duro para a frente, não ousava fazer o menor movimento. Tentei puxar conversa:

- Como é o seu nome?
- Teresa.
- Quantos anos você tem, Teresa?
- Dez.
- E o que estava fazendo ali, tão longe de casa?
- A casa da minha patroa é ali.
- Patroa? Que patroa?



Pela sua resposta, pude entender que trabalhava na casa de uma família no Jardim Botânico: lavava roupa, varria a casa, servia a mesa. Entrava às sete da manhã, saía às oito da noite.

Hoje saí mais cedo. Foi 'jantarado'.

- Você já jantou?

Não. Eu almocei.

- Você não almoça todo dia?

- Quando tem comida pra levar de casa eu almoço: mamãe faz um embrulho de comida pra mim.

- E quando não tem?



- Quando não tem, não tem - e ela até parecia sorrir, me olhando pela primeira vez. Na penumbra do carro, suas feições de criança, esqueléticas, encardidas de pobreza, podiam ser as de uma velha. Eu não me continha mais de aflição, pensando nos meus filhos bem nutridos - um engasgo na garganta me afogava no que os homens experimentados chamam de sentimentalismo burguês.

- Mas não te dão comida lá? - perguntei revoltado.

- Quando eu peço, eles dão. Mas descontam no ordenado. Mamãe disse pra eu não pedir.

- E quanto é que você ganha?

Diminuí a marcha, assombrado, quase parei o carro! Ela mencionara uma importância ridícula, uma ninharia, não mais que alguns trocados. Meu impulso era voltar, bater na porta da tal mulher e meter-lhe a mão na cara.

- Como é que você foi parar na casa dessa... foi parar nessa casa? - perguntei ainda, enquanto o carro, ao fim de uma rua do Leblon, se aproximava das vielas da Praia do Pinto.



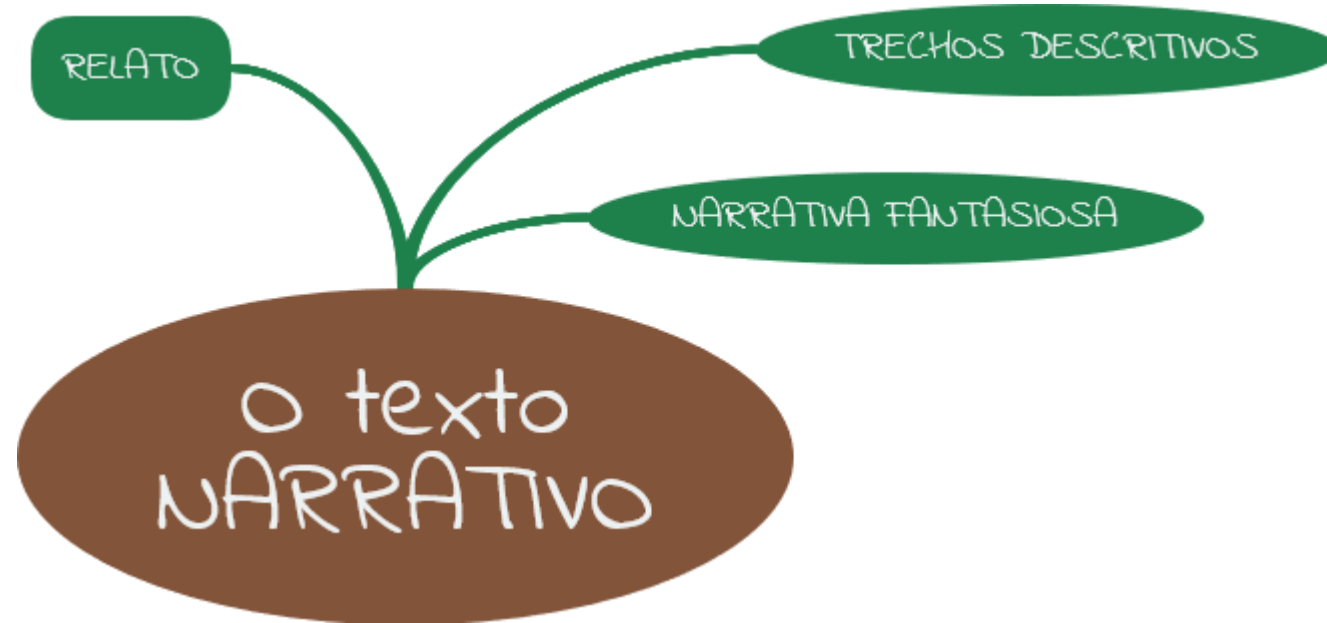
Ela disparou a falar:

- Eu estava na feira com mamãe e então a madame pediu para eu carregar as compras. E aí no outro dia pediu a mamãe pra eu trabalhar na casa dela, então mamãe deixou porque mamãe não pode deixar os filhos todos sozinhos e lá em casa é sete meninos fora dois grandes que já são soldados. Pode parar que é aqui moço, obrigado.

Mal detive o carro, ela abriu a porta e saltou, saiu correndo, perdeu-se logo na escuridão miserável da Praia do Pinto...

*(Fernando Sabino, p. 135-7)*







## ***A notícia***

Na notícia, predomina a narração e muitas vezes há trechos de descrição. Ela apresenta uma **estrutura** própria e fixa, composta de duas partes: o *lead* e o corpo.

**Lead** é um resumo do fato em poucas linhas e compreende, normalmente, o primeiro parágrafo da notícia. Contém as informações mais importantes, que fornecem ao leitor a maior parte das respostas às seis perguntas básicas: o quê, quem, quando, onde, como e por que (representam os elementos da narrativa).

**Corpo** são os demais parágrafos da notícia, nos quais se faz o detalhamento do exposto no *lead* por meio da apresentação ao leitor de novas informações, em ordem cronológica ou de importância.



# Antibiótico terá venda restrita em um mês

► Regras serão publicadas no “Diário Oficial da União” até quinta-feira ► Receita ficará retida na farmácia

As novas regras que dificultam a venda de antibióticos em farmácias devem ser publicadas até quinta-feira no “Diário Oficial da União”. Os estabelecimentos terão um prazo de 30 dias para se adaptar.

Segundo a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), uma das mudanças é a exigência da receita em duas vias. Uma ficará retida na farmácia, e a outra ficará com o paciente. Hoje, basta mostrar a receita na farmácia para comprar esses medicamentos. Além disso, embalagens e bulas deverão incluir a frase: “Venda sob prescrição médica – Só pode ser vendido com retenção da receita”.

As medidas valem para mais de 90 substâncias, mas quatro delas terão regras ainda mais rígidas. Os antibióticos mais usados no país (amoxicilina, azitromicina, cefalexina e sulfametoxazol) terão a venda escriturada. Isso quer dizer que o comércio deverá ser registrado no Sistema Nacional de Gerenciamento de Produtos Controlados. Hoje, 1.200 produtos registrados na Anvisa trazem essas substâncias como princípio ativo, informou a agência.

## Higienização

Uma outra nota técnica que também deverá ser publicada nesta semana tor-

na obrigatório o uso do álcool gel em hospitais e clínicas públicas e particulares. O prazo para adequação é de 60 dias.

As duas medidas têm o objetivo de prevenir infecções hospitalares provocadas por microrganismos resistentes a antibióticos e foram tomadas devido ao número crescente de infecções pela superbactéria KPC, resistente a antibióticos, que surgiu em 2000 nos EUA. No Brasil, a maioria dos casos se concentra no Distrito Federal e em São Paulo.



DANIELA.ORTEGA  
@METROJORNAL.COM.BR





**Logística.** Presidente do fundo americano EIG, que terá o controle da empresa de logística de Eike Batista, garante que o principal projeto entrará em funcionamento no ano que vem; para cumprir a meta, fundo tenta novo empréstimo de R\$ 2,8 bi com o BNDES

# Porto do Açu estará em plena **Linha fina** operação em 2 anos, diz novo dono

Mariana Durão/RIO

A joia da coroa do grupo X. É assim que Blair Thomas, presidente da EIG Global Energy Partners, define o Superporto do Açu, da LIX – que será rebatizada em breve. Ao fim da operação de aumento de capital de R\$ 1,3 bilhão que está em curso, o grupo americano terá uma fatia de 35% a 60% do antigo braço de logística da EBX, do empresário Eike Batista.

Em entrevista exclusiva ao *Broadcast*, serviço em tempo real da Agência Estado, o executivo garantiu que o porto estará em pleno funcionamento em dois anos e que a companhia deve fechar seu balanço no azul pouco tempo depois.

Após analisar outros ativos do grupo, a EIG avaliou o porto como o de maior potencial de valorização. Também pesou o fato de 80% do financiamento dos obras já terem saído.



LEONARDO BERENGER-14/8/2012

Complexo. Porto ocupa área maior que a de Manhattan

## ● Investimento R\$ 1,3 bi

é o que o EIG se comprometeu a injetar na LIX para ficar com o controle da empresa de Eike Batista. O fundo americano já aportou R\$ 696,4 milhões na forma de aumento de capital.

conclusão e os recursos para o projeto se foram. As negociações vão acelerar, agora que não há mais associação direta com a figura do antigo controlador. Nosso telefone não para de tocar”, diz o CEO da EIG, que chegou ao Brasil na terça-feira para reuniões no Rio e em São Paulo.

As potenciais interessadas incluiriam gigantes multinacionais de petróleo, petroleiros de

rio e aço. Ele afirma que uma siderúrgica não é fundamental para o sucesso do complexo, apesar do projeto de produção e embarque de minério Minas-Rio, desenvolvido pelo Anglo American (49%) em com a LIX (51%).

**Namoro antigo.** Com bilhões sob gestão em todo o mundo – US\$ 1 bilhão Brasil –

um acordo veio em agosto. A participação definitiva do fundo na companhia só será conhecida após a oferta de ações, mas o controle está assegurado por um acordo em que Eike, que fi-

## Retranca

LIX. Já aportou R\$ 696,4 milhões na forma de aumento de

### PARA LEMBRAR

#### Acordo foi feito em agosto

O controle da LIX passou de vez às mãos do grupo EIG na última segunda-feira, no período final do ano.



## Biografia de Ruth Rocha

Ruth Rocha (1931) é escritora brasileira, especializada em livros infantis. Foi eleita para a cadeira nº 38 da Academia Paulista de Letras. Seu livro "Marcelo, Marmelo, Martelo", vendeu mais de 1 milhão de cópias.



Ruth Rocha (1931) nasceu em São Paulo, no dia 2 de março de 1931. Tem formação em sociologia e atuou na área de educação. Escreveu para a Revista Cláudia, voltada para o público feminino. Escreveu também para a revista Educação.

Influenciada pelo escritor Monteiro Lobato, iniciou a carreira de escritora em 1976, com o livro, "Palavras Muitas Palavras". Porém, sua obra mais famosa é "Marcelo, Marmelo, Martelo", com tradução para diversas línguas. Mas sua escrita é rica também em conteúdos sociais, como por exemplo, o livro "Uma História de Rabos Presos", lançado no Congresso Nacional brasileiro, em 1989. Em 1990, lançou na sede das Organizações das Nações Unidas o livro "Declaração Universal dos Direitos Humanos Para Crianças".



## ***Gêneros EXPOSITIVOS***

O texto expositivo apresenta informações sobre um objeto ou fato específico, sua descrição e a enumeração de suas características. Esse deve permitir que o leitor identifique, claramente, o tema central do texto. É um tipo de texto que visa a apresentação de um conceito ou de uma ideia.





### ***Verbetes de dicionário***

“Significado de Nostalgia (s.f). Tristeza causada pela saudade de sua terra ou de sua pátria; melancolia. Saudade do passado, de um lugar etc. Disfunções comportamentais causadas pela separação ou isolamento (físico) do país natal, pela ausência da família e pela vontade exacerbada de regressar à pátria. Saudade de alguma coisa, de uma circunstância já passada ou de uma condição que (uma pessoa) deixou de possuir. Condição melancólica causada pelo anseio de ter os sonhos realizados. Condição daquele que é triste sem motivos explícitos. (Etm. do francês: nostalgie)” Fonte: (Dicionário Online de Português- Dicio.com)

### ***Enciclopédia***

“Cervo-do-pantanal (nome científico: Blastocerus dichotomus), também chamado suaçuetê, suaçupu, suaçuapara, guaçuapuçu ou simplesmente cervo, é um mamífero ruminante da família dos cervídeos e único representante do gênero Blastocerus. Ocorria em grande parte das várzeas e margens de rios do centro da América do Sul, desde o sul do rio Amazonas até o norte da Argentina, mas atualmente, a espécie só é comum no Pantanal, na bacia do rio Guaporé, na ilha do Bananal e em Esteros del Iberá.” Fonte: (Wikipédia)



## ***O texto INJUNTIVO***

O **texto injuntivo** ou **instrucional** está pautado na explicação e no método para a concretização de uma ação, ou seja, indicam o procedimento para realizar algo, por exemplo, uma receita de bolo, bula de remédio, manual de instruções, editais e propagandas.

Com isso, sua função é transmitir para o leitor mais do que simples informações, visa sobretudo, instruir, explicar, todavia, sem a finalidade de convencê-lo por meio de argumentos.





## ***Texto Injuntivo e Prescritivo***

**Injuntivo**: instrui sem uma atitude coercitiva. Ex. manuais de instrução.

**Prescritivo**: instrui com intenção coercitiva. Ex. editais dos concursos, contratos e leis. Prescrição médica.

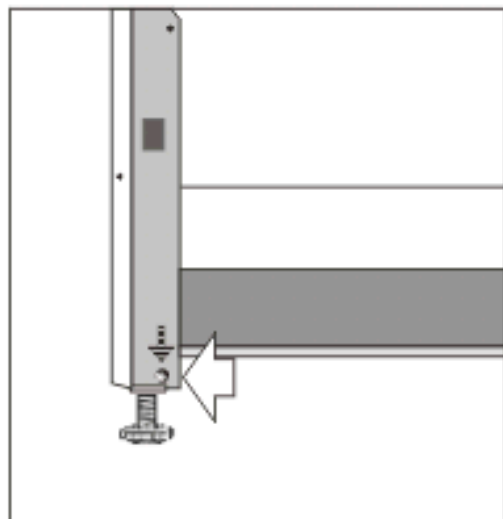



# Refrigeradores Elétricos

**Consul** 

## Manual de Instruções

### Instalação Inicial



Verificar se a voltagem do refrigerador coincide com a da tomada. A rede elétrica na qual o refrigerador será ligado deve ser de fio 14, conforme determina a norma NB-3 da ABNT. Instale o fio terra no refrigerador, fixando-o no parafuso indicado pela seta (  ).

Para início de operação, deixe o refrigerador trabalhar durante pelo menos 2 horas, sem abrir a porta, com o botão de controle posicionado na graduação máxima. Regule-o depois para a posição correta, segundo a tabela de controle de temperaturas.



amor  
ternura  
abraços  
paixão  
beijinhos  
amizade  
sorrisos

## Receita do Amor

Misture duas chávenas de companheirismo, duas colheres de compreensão e algumas pitadas de paciência. Carinho, muito carinho.

Acrescente amizade e generosidade.

Nunca esqueça o fermento do amor.

Para o recheio coloque uma grande quantidade de ternura e alegria.

Para a cobertura distribua muitos sorrisos e abraços. Decore com paixão. Para finalizar adicione muitos beijinhos.

companheirismo  
compreensão  
paciência  
carinho







***Foi um imenso prazer!!***

***Até a próxima aula!***



***Contatos:***

***E-mail: [contato@professorarafaelfreitas.com.br](mailto:contato@professorarafaelfreitas.com.br)***

***Redes Sociais:***

***Palavreando com Rafa Freitas  
Português e Literatura para o ENEM***